TEMPORADA 2012

Cultura artística 100 ANOS

ORQUESTRA NACIONAL RUSSA

JOSÉ SEREBRIER Regência

NELSON FREIRE Piano

:D

Divirta-se

Garanta ótimos programas para a semana toda.

Toda sexta

ESTADÃO

O Ministério da Cultura e a Sociedade de Cultura Artística apresentam

TEMPORADA 2012

Cultura artística 100 ANOS

ORQUESTRA NACIONAL RUSSA
JOSÉ SEREBRIER Regência
NELSON FREIRE Piano

PATROCÍNIO

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

CREDIT SUISSE

ESTADÃO

REALIZAÇÃO

Cultura artística

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

ORQUESTRA NACIONAL RUSSA

Desde a sua estreia nos palcos de concerto, há mais de duas décadas, em Moscou, a Orquestra Nacional Russa vem surpreendendo a crítica especializada e as plateias do mundo todo com apresentações e registros fonográficos que já levaram o *Miami Herald* a caracterizá-la como "um símbolo vivo do que há de melhor na arte russa".

Fundada em 1990 pelo pianista e regente Mikhail Pletnev, que é também seu diretor artístico, a Orquestra Nacional Russa excursiona com frequência por Europa, Ásia e Américas, atuando com uma seleta gama de artistas convidados. Dentre eles, figuram expoentes da regência, como Vladimir Jurowski, Antonio Pappano, Alan Gilbert, Carlo Ponti, Kent Nagano e Leonard Slatkin, e solistas do calibre de Martha Argerich, Lang Lang, Pinchas Zukerman, Joshua Bell, Ytzhak Perlman, Steven Isserlis e Renée Fleming.

O conjunto, que um painel de críticos internacionais convocado pela revista *Gramophone* elegeu como uma das melhores orquestras do mundo, é presença constante também em festivais internacionais de renome, como os de Rheingau e Schleswig-Holstein, na Alemanha, e o de Gstaad, na Suíça. Importantes eventos internacionais nos Estados Unidos, em Singapura e na Itália contam também com a participação dessa celebrada orquestra russa, que, em 2009, fundou seu próprio festival: ele acontece anualmente em setembro, em Moscou.

Nos estúdios de gravação, a Orquestra Nacional Russa estreou em grande estilo. Seu registro da Sinfonia nº 6 de Tchaikovsky, em 1991, é considerado a melhor gravação da "Patética" jamais realizada. Seguiram-se mais de oitenta álbuns, dedicados a um repertório que, além de Tchaikovsky, contempla Beethoven, Chopin, Ravel, Prokofiev, Rachmaninov, Shostakovich, Scriabin e Glazunov, dentre outros. A crítica os distinguiu com os maiores prêmios da indústria fonográfica, como o Grammy norte-americano, os franceses Diapason d'Or e Choc du Monde de la Musique e o ECHO Klassik alemão.

Na presente temporada, Brasil, Argentina e Uruguai compõem a turnê sul-americana da orquestra, que cumpre ainda concorrida agenda de concertos por diversos países europeus, como Hungria, França, Suíça e Reino Unido.

SAIBA MAIS

Um dos destaques da aclamada discografia da Orquestra Nacional Russa constitui o álbum duplo *Complete Concertos*, de 2011, lançado pelo selo Warner Classics. Nele, sob a regência de José Serebrier, a orquestra apresenta os concertos de Aleksandr Glazunov, que escreveu para violino, piano, violoncelo e saxofone.

SAIBA MAIS

Musicista, compositor e regente precoce, desde muito jovem Serebrier sonhava reger a maior orquestra de seu país. Com esse propósito, aos 15 anos de idade inscreveu uma composição de sua autoria no concurso anual promovido pela Orquestra Nacional do Uruguai. Curiosamente, venceu o concurso, mas, em razão da pouca idade, não pôde reger sua peça de 18 minutos, entregue aos cuidados do maestro Eleazar de Carvalho.

JOSÉ SEREBRIER Regência

José Serebrier contava apenas 21 anos quando o regente norte-americano de origem britânica Leopold Stokowski saudou-o como "o grande mestre do equilíbrio orquestral". Hoje, o maestro e compositor uruguaio é um dos artistas clássicos mais gravados de sua geração, com 37 indicações ao Grammy somente em anos recentes e mais de duas centenas de composições próprias, interpretadas por nomes estelares da regência, como *Sir* John Eliot Gardiner.

Nascido em Montevidéu, Serebrier deu início ao estudo do violino aos 9 anos de idade; aos 11, debutava na regência; aos 15, formou-se em violino, solfejo e teoria musical na Escola Municipal de Música de Montevidéu. Em 1956, mudou-se para os Estados Unidos, onde ingressou no Curtis Institute of Music e estudou composição com Bohuslav Martinu e Vittorio Giannini, além de frequentar por quatro temporadas as aulas de Aaron Copland em Tanglewood. Seguiram-se bolsas e premiações variadas, dentre elas o prêmio do American Conductors Project, patrocinado pela Fundação Ford, que o maestro ganhou ao lado de James Levine.

Aos 22 anos, Serebrier foi nomeado por Leopold Stokowski assistente de regência da recém-formada American Symphony Orchestra, de Nova York, à frente da qual estreou na metrópole norte-americana em 1965, no Carnegie Hall. Mais tarde, a convite de George Szell, o maestro seria, por dois períodos, compositor em residência junto à Orquestra de Cleveland.

Nos palcos internacionais, Serebrier costuma apresentar-se no comando das grandes orquestras do cenário erudito internacional, tendo excursionado com conjuntos como, por exemplo, a Juilliard Orchestra, a Sinfônica de Pittsburgh, a Royal Philharmonic Orchestra e as orquestras de câmara da Escócia e de Toulouse. Nos estúdios de gravação, regeu, dentre outras, a Orquestra Sinfônica de Londres, A Filarmônica de Nova York e a London Philharmonic Orchestra — esta última, em antológica interpretação da Sinfonia nº 4 de Charles Ives que ganhou indicação ao Grammy.

À parte a brilhante atuação nos palcos e nos estúdios de gravação, Serebrier foi diretor musical do mais antigo festival de música erudita dos Estados Unidos, em Worcester. Além disso, fundou o International Festival of the Americas e o Miami Music Festival. Sua Sinfonia nº 3, que teve *première* no Carnegie Hall em 2005, concorreu ao Grammy de "Melhor Composição de 2004".

NELSON FREIRE Piano

Nas palavras do *New York Times*, "Nelson Freire nos lembra gentilmente de que o piano, tocado com comedimento e profundidade interpretativa, tem poder irresistível".

É conhecida dos brasileiros a excelência ao piano desse mineiro de Boa Esperança. Meio século de excepcional carreira pianística renderam a Nelson Freire o mais elevado renome nos circuitos eruditos nacional e internacional. Ex-aluno de Nise Obino e Lúcia Branco, Freire recebeu sua primeira premiação ainda aos 12 anos de idade, no Primeiro Concurso Internacional de Piano do Rio de Janeiro. O feito propiciou-lhe uma bolsa de estudos que lhe permitiu estudar em Viena, sob a orientação de Bruno Seidlhofer, mestre, dentre outros, do pianista e compositor austríaco Friedrich Gulda. Em 1964, a medalha Dinu Lipatti, conquistada em Londres, e o primeiro prêmio do Concurso Internacional Vianna da Motta, em Portugal, dariam decisivo impulso a uma brilhante trajetória pelas grandes salas de concerto das Américas, da Europa e da Ásia.

Na condição de solista, Freire vem atuando há décadas com as mais conceituadas orquestras do panorama erudito mundial. Dentre muitas outras, já se apresentou com a Filarmônica de Berlim, com as sinfônicas de Londres e Viena, com as orquestras do Concertgebouw de Amsterdã, da Gewandhaus de Leipzig e da Tonhalle de Zurique, assim como com a Filarmônica de Israel e as principais orquestras norte-americanas, de Boston a Cleveland, de Los Angeles a Nova York — sempre sob a batuta dos mais ilustres regentes, tais como *Sir* Colin Davis, Pierre Boulez, Riccardo Chailly, Lorin Maazel, Kurt Masur, André Previn e Seiji Osawa, para citar apenas alguns.

No âmbito fonográfico, suas aclamadas interpretações de Chopin, Schumann, Debussy e Beethoven foram agraciadas com prêmios diversos. Em 1999, a Philips incluiu Freire em sua série histórica de Grandes Pianistas do Século XX. Em 2006, seu registro dos dois concertos para piano de Brahms conquistou prêmios como o Diapason d'Or, o Grand Prix de l'Académie Charles Cros e o Choc du Monde de la Musique, além de uma indicação ao Grammy e um Gramophone de melhor álbum do ano.

Comendador da Ordem do Rio Branco desde 1991, Nelson Freire tem recebido variadas distinções ao longo da carreira, dentre as quais incluem-se o título de *Commandeur des Arts et des Lettres*, outorgado pelo governo francês em 2007. Sua agenda de concertos para este ano prevê apresentações na Espanha, na Alemanha e na França, além de uma turnê pela América do Norte que inclui concertos em Montreal, Washington e San Francisco.

SAIBA MAIS

Em 2010, Freire lançou seu muito aguardado álbum duplo contendo os Noturnos de Chopin, em comemoração ao bicentenário de nascimento do grande compositor e pianista polonês. *The Nocturnes* foi lançado pelo selo Decca, o mesmo pelo qual, em 2011, Freire registrou surpreendentes interpretações de Liszt no álbum *Harmonies du Soir*.

Trabalhamos como
uma orquestra e
incentivamos a cultura

EMPRESA PARCEIRA
FORMARE
AQUI O JOVEM TEM FUTURO

IOCHPE-MAXION
www.iochpe.com.br

ORQUESTRA NACIONAL RUSSA
JOSÉ SEREBRIER Regência

Primeiros Violinos
Alexey Bruni
Tatiana Porshneva
Yana Gerasimova
Maxim Khokholkov
Edvard Yatsun
Anatoly Fedorenko
Vasily Vyrenkov
Igor Akimov
Leonid Akimov
Alexey Sobolev
Natalia Fokina
Alexey Khutoryanskiy
Olga Levchenko

Segundos Violinos
Sergey Starcheus
Evgeny Feofanov
Pavel Gorbenko
Irina Simonenko
Evgeny Durnovo
Vladimir Teslya
Svetlana Dzutseva
Sergey Korolev
Iliya Pritulenko
Anastsia Khokholkova
Maria Urina

Violas
Sergey Dubov
Sergey Bogdonov
Alexander Zhulev
Maria Goryunova
Artem Kukaev
Anton Yaroshenko
Elena Pentegova
Lev Leushin
Irina Sopova

Violoncelos
Alexander Gotgelf
Svetlana Vladimirova
Maxim Tarnorutskiy
Alexander Grashenkov
Sergey Kazantsev
Natalia Lyubimova
Kirill Varyash

Contrabaixos
Gennady Krutikov
Miroslav Maksimyuk
Vasily Beschastnov
Alexey Vorobiev
Alexey Vlasov

Flautas
Maxim Rubtsov
Sergey Igrunov

Oboés
Vitaly Nazarov
Andrey Rubtsov

Clarinetes
Alexey Bogorad
Dmitry Ayzenshtadt

Fagotes
Alexey Sizov
Vladimir Markin

Trompas
Igor Makarov
Alexey Serov
Victor Bushuev
Vladimir Slabchuk

Trompetes
Leonid Korkin
Andrey Kolokolov

Trombones
Ivan Irkhin
Anatoly Fedotov
Dmitry Zheleznov

Tuba
Dmitry Anakovskiy

Percussão
Alexander Suvorov

Técnicos de Palco
Alexey Dragun
Vladimir Kireev

Administração
Amir Iliyasov
Valentin Teslya

A Orquestra Nacional Russa gostaria de agradecer aos sr. e sra. Gerret Copeland, pelo apoio que prestam às turnês internacionais da orquestra, assim como expressar seu reconhecimento a seus principais benfeitores, que ajudaram a tornar possível esta turnê latino-americana de 2012. São eles: Athena T. Blackburn, Fundação Ann e Gordon Getty, Sua Alteza Real Príncipe Michael de Kent, Fundação Mikhail Prokhorov, Fundação Russa para as Artes e o Fundo Charles Simonyi para as Artes e as Ciências.

ALÉM DA TEMPORADA INTERNACIONAL

O restauro do magnífico mural de Di Cavalcanti, *Alegoria das Artes*, concluído ao final de 2011, pôs fim à primeira fase dos trabalhos de reconstrução do nosso Teatro Cultura Artística. Com a ajuda de ultrassom, uma equipe de restauradores chefiada pela arquiteta Isabel Ruas mapeou problemas como lacunas, fissuras e deterioração por ataques biológicos, todos eles corrigidos ao longo do trabalho de restauração. Além disso, foram cuidadosamente identificadas as mais de cinquenta cores utilizadas no mosaico, o que possibilitou à Vidrotil reproduzir as tesselas de vidro colorido de acordo com as especificações originais.

Após dois anos de minucioso trabalho, o grande mural recuperou toda a sua beleza. Para que possamos apreciá-la, porém, será necessário esperar um pouco mais. A enorme estrutura metálica que hoje reveste *Alegoria das Artes* continuará recobrindo e protegendo a obra de Di Cavalcanti durante a reconstrução de nosso teatro. O novo projeto arquitetônico, aliás, está em fase final de detalhamento pelo escritório Paulo Bruna e Arquitetos Associados, que conta com o auxílio de consultores nacionais e internacionais. Em seguida, as obras de engenharia civil estão previstas para durar cerca de três anos.

A espera com certeza valerá a pena. O novo Teatro Cultura Artística será um dos mais modernos do país. Dotado de tecnologia de ponta, ele poderá ser adaptado para diferentes eventos artísticos, tais como espetáculos de balé, teatro e ópera, além, é claro, de voltar a abrigar em casa própria os concertos de nossas temporadas internacionais.

FIDELIDADE DE CORES

Para garantir a fidelidade cromática na restauração, o trabalho foi precedido da catalogação de todas as cores empregadas por Di Cavalcanti. Novas tesselas, nas tonalidades originais, reproduzem com precisão a paleta utilizada pelo artista.

RECOMPOSIÇÃO DAS FIGURAS

Além da cor, a recuperação da forma das figuras restitui a beleza do desenho e a harmonia da composição. Aqui, a tonalidade correta é restituída ao tampo do violão, e o cavalete, antes desfigurado, retorna a seu desenho original.

unitri.com.br

40 ANOS

MACHADO MEYER

MACHADO MEYER SENDACZ OPICE ADVOGADOS

OAB/SP N. 485

EM 2012 CELEBRAMOS QUATRO DÉCADAS DE CONQUISTAS.

OPORTUNIDADE PARA RENOVAR NOSSO COMPROMISSO DE BEM SERVIR OS CLIENTES PELOS PRÓXIMOS 40 ANOS.

WWW.MACHADOMEYER.COM.BR

SÃO PAULO RIO DE JANEIRO BRASÍLIA PORTO ALEGRE SALVADOR BELO HORIZONTE NEW YORK

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

TEATRO CULTURA ARTÍSTICA

Cultura artística 100 ANOS

PATROCINADORES DA RECONSTRUÇÃO

BNDES Bradesco

DOADORES E APOIADORES

Agência Estado
Aggrego Consultores
Álvaro Luis Fleury Malheiros
Ana Maria Levy Villela Igel
Ana Maria Xavier
Antonio Carlos Barbosa de Oliveira
Antônio Fagundes
Antonio Teofilo de Andrade Orth
Area Parking
Arnaldo Malheiros
Arsenio Negro Júnior
Aurora Bebidas e Alimentos Finos
Banco Pine
Banco Safra
Beatriz Segall
BicBanco
Brasília de Arruda Botelho
Bruno Alois Nowak
Camargo Corrêa
Camila Zanchetta
Camilla Telles Ferreira Santos
Carta Capital
CBN
CCE
Center Norte
Claudio Cruz
Claudio e Rose Sonder
Claudio Lottenberg
Claudio Roberto Cernea
Cleõmenes Mário Dias Baptista *(i.m.)*
Compacta Engenharia
Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração
Credit Suisse
Credit Suisse Hedging-Griffo
Diário de Guarulhos
Editora Abril
Editora Contexto (Editora Pinsky)
Editora Globo
Editora Três
Elaine Angel
Elias Victor Nigri
EMS
Ercília Lobo
Erwin e Marie Kaufmann
Eurofarma
Fabio de Campos Lilla
Famílias Fix, Korbivcher e Ventura
Fernando Francisco Garcia
Fernão Carlos Botelho Bracher
Festival de Salzburgo
Flávio e Sylvia Pinho de Almeida
Folha de S. Paulo
Francisco Humberto de Abreu Maffei
Frederico Perret
Fulano Filmes
Fundação Filantrópica Arymax
Fundação Padre Anchieta
Fundação Promon
Gabriela Duarte
Gérard Loeb
Gilberto Kassab
Gilberto Tinetti
Gioconda Bordon
Giovanni Guido Cerri
Helga Verena Maffei
Henri Philippe Reichstul
Hotel Ca' d'Oro
Hotel Maksoud Plaza
Idort/SP
iG
Israel Vainboim
Izilda França
Jacques Caradec
Jairo Cupertino
Jamil Maluf
Jayme Bobrow
Jayme Sverner
José Carlos Dias
José Carlos e Lucila Evangelista
José Roberto Mendonça de Barros
José Roberto Ópice
Jovelino Carvalho Mineiro Filho
Katalin Borger
Lea Regina Caffaro Terra
Leo Madeiras
Lúcia Cauduro
Lúcia Fernandez Hauptmann
Luiz Rodrigues Corvo
Machado, Meyer, Sendacz e Opice Adogados
Mahle Metal Leve
Marcelo Mansfield
Marco Nanini
Maria Adelaide Amaral
Maria Helena Zockun
Marina Lafer
Mario Arthur Adler
Marion Meyer
Max Feffer *(i.m.)*
McKinsey
Michael e Alina Perlman
Minidi Pedroso
Mônica Salmaso
Natura
Nelson Breanza
Nelson Kon
Nelson Reis
Nelson Vieira Barreira
O Estado de S. Paulo
Oi Futuro
Orquestra Filarmônica Brasileira
Oscar Lafer
Otto Baumgart Indústria e Comércio
Paulo Bruna
Pedro Herz
Pedro Pederneiras
Pedro Pullen Parente
Pedro Stern
Pinheiro Neto Advogados
Polierg Tubos e Conexões
Porto Seguro
Racional Engenharia
Rádio Bandeirantes
Rádio Eldorado
Revista Brasileiros
Revista Concerto
Revista Piauí
Ricardo Feltre
Ricardo Ramenzoni
Roberto Baumgart
Roberto Minczuk
Roberto Viegas Calvo
Rodolfo Henrique Fischer
Santander
São José Construções e Comércio (Constr. São José)
Seleções Reader's Digest
Semp Toshiba
Sidnei Epelman
Silvia Ferreira Santos Wolff
Silvio Feitosa
Stela e Jayme Blay
Susanna Sancovsky
Suzano
Talent
Tamas Makray
Teatro Alfa
Terra
Thomas Ernst Kunze
TV Globo
Unigel
Uol
Ursula Baumgart
Vale
Vavy Pacheco Borges
Wolfgang Knapp
Yara Baumgart
Zuza Homem de Mello

REALIZAÇÃO

Cultura artística — Ministério da Cultura — GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

(11) 3256 0223 administracao@culturaartistica.com.br

ORQUESTRA NACIONAL RUSSA
JOSÉ SEREBRIER Regência
NELSON FREIRE Piano

SÉRIE BRANCA
Sala São Paulo 24 de abril, terça-feira, 21H

LUDWIG VAN BEETHOVEN (1770-1827)

EGMONT, OPUS 84

Abertura: Sostenuto, ma non troppo *c.* 8'

WOLFGANG AMADEUS MOZART (1756-1791)

CONCERTO PARA PIANO E ORQUESTRA Nº 20, EM RÉ MENOR, K.466 *c.* 32'

Allegro
Romanze
Rondo (allegro assai)

Solista: Nelson Freire

Intervalo

ANTONÍN DVORÁK (1841-1904)

SINFONIA Nº 8, EM SOL MAIOR, OPUS 88 *c.* 39'

Allegro con brio
Adagio
Allegreto grazioso — Molto vivace
Allegro ma non troppo

SÉRIE AZUL

Sala São Paulo 25 de abril, quarta-feira, 21H

TEMPORADA 2012

Cultura artística 100 ANOS

PIOTR ILICH TCHAIKOVSKY (1840-1893)

SERENATA PARA CORDAS, EM DÓ MAIOR, OPUS 48 *c.* 32'

Peça em forma de sonatina
Valsa
Elegia
Final — Tema russo

WOLFGANG AMADEUS MOZART (1756-1791)

CONCERTO PARA PIANO E ORQUESTRA Nº 20, EM RÉ MENOR, K.466 *c.* 32'

Allegro
Romanze
Rondo (allegro assai)

Solista: Nelson Freire

Intervalo

ALEKSANDR KONSTANTINOVICH GLAZUNOV (1865-1936)

SINFONIA Nº 4, EM MI BEMOL MAIOR, OPUS 48 *c.* 34'

Andante. Allegro moderato
Scherzo. Allegro vivace
Andante. Allegro

PRÓXIMOS CONCERTOS — SALA SÃO PAULO

ORCHESTRE NATIONAL DU CAPITOLE DE TOULOUSE
TUGAN SOKHIEV Regência
BERTRAND CHAMAYOU Piano

SÉRIE BRANCA — 15 DE MAIO, TERÇA-FEIRA
Debussy L'Après-midi d'un Faune
Ravel Concerto para Piano em Sol
Berlioz Sinfonia Fantástica

SÉRIE AZUL — 16 DE MAIO, QUARTA-FEIRA
Mussorgsky Kovantchina (Abertura)
Liszt Concerto para Piano nº 1
Mussorgsky Quadros de uma Exposição

LANG LANG Piano

SÉRIE BRANCA, 20 DE MAIO, DOMINGO, 21H
SÉRIE AZUL, 21 DE MAIO, SEGUNDA-FEIRA, 21H
J. S. Bach Partita nº 1
Schubert Sonata em Si bemol, D.960
Chopin 12 Estudos, op. 25

Os concertos serão precedidos de palestra de Irineu Franco Perpetuo, às 20h, no auditório do primeiro andar da Sala São Paulo.

Informações e ingressos
(11) 3258 3344 (11) 4003 1212
Vendas online
www.culturaartistica.com.br

Ingressos à venda 30 dias antes da data dos concertos

Siga a Cultura Artística nas redes sociais
facebook.com/culturartistica
twitter.com/culturartistica

O conteúdo editorial dos programas da Temporada 2012 encontra-se disponível em nosso site uma semana antes dos respectivos concertos.

Programação sujeita a alterações.

Cultura artística

PATROCINADORES 2012

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

PATROCINADORES MASTER

CREDIT SUISSE

ESTADÃO

PATROCINADORES PLATINA

IOCHPE-MAXION

Votorantim Cimentos

APOIO EDUCATIVO

PATROCINADORES OURO

Audi

BAIN & COMPANY

Banco Safra

MACHADO MEYER
MACHADO MEYER SENDACZ OPICE ADVOGADOS

Morlan

PINHEIRO NETO ADVOGADOS

SUZANO

PATROCINADORES PRATA

AURORA

Cisa Trading

Grupo Promon

SHOPPING SP MARKET

UNIGEL

PATROCINADORES BRONZE

AZEVEDO & TRAVASSOS

ELECTRO PLASTIC
ALTA TECNOLOGIA EM FILMES E EMBALAGENS

LEO
MADEIRAS E MUITO MAIS

livraria cultura

RP Rosenberg Partners

REALIZAÇÃO

Cultura artística

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

J. JOTA DE MORAES O CONCERTO DESTA NOITE

LUDWIG VAN BEETHOVEN (1770-1827)
Egmont, Abertura da música incidental para a tragédia de Goethe

Shakespeare no teatro, Goethe na poesia, Michelangelo e Da Vinci nas artes plásticas. E Palestrina, Bach, Mozart e Beethoven na música erudita. Esses são alguns dos mais autênticos patrimônios da humanidade com os quais podemos nos relacionar em altas esferas. Artistas efetivamente luminosos que nos deixaram obras de profunda significação, de duração e permanência que acreditamos eternas, sem as quais o homem e a civilização perderiam um bocado do seu significado. E a vida teria bem menos graça e profundidade.

Pois assim é a grande arte: uma enorme coleção de construções concretas, abstratas ou simbólicas que nos tiram da banalidade do cotidiano e levantam nossos sentidos — todos eles — em direção às altas paragens de um mundo melhor, talvez porque sonhado, talvez porque endereçado ao nosso estar no futuro, que esperamos iminente, amanhã, talvez. Os grandes artistas articulam um mundo ao mesmo tempo mais humano e mais transcendental que o oferecido pelo dia a dia, um tempo que a perenidade humana parece nos prometer eterno.

Nos cem anos de existência da Sociedade de Cultura Artística, os compositores mais importantes da história da música ocidental estiveram representados em nossas apresentações. E, muito naturalmente, Ludwig van Beethoven foi uma das presenças mais esperadas e constantes. Obras para solistas, para pequenos grupos de câmara e para orquestras e coros com sua assinatura são programadas com frequência, para o prazer da exigente sensibilidade de nosso público.

Ao receber uma encomenda do Teatro da Corte de Viena para que escrevesse música de cena para a nova montagem da tragédia *Egmont* de Goethe, Beethoven pôs-se a trabalhar na obra no outono de 1809, terminando-a no verão do ano seguinte. Essa música, composta para dar mais lustro à peça teatral, resultou em uma Abertura em Fá menor, em dois *Lieder* bastante inspirados e em quatro entreatos envolventes, repletos de nuança, dessas de produzir grande impacto.

A Abertura, ao contrapor dois temas de caráter contrastante, explora-os com grande imaginação. Nesse aspecto, a obra parece antecipar em algumas décadas a livre movimentação interna do poema sinfônico romântico. Na Abertura para *Egmont*, são notáveis os contrastes instrumentais, de grande efeito, e os temas repartidos entre metais, madeiras e cordas. O teor fúnebre do início é logo substituído pelo tom guerreiro, por vezes interrompido pelo clima lírico de uma linda melodia, como se o autor houvesse colhido flores sonoras no jardim de sua bem-amada. Se o início da Abertura é fúnebre, o final rebrilha em clima de eloquente vitória.

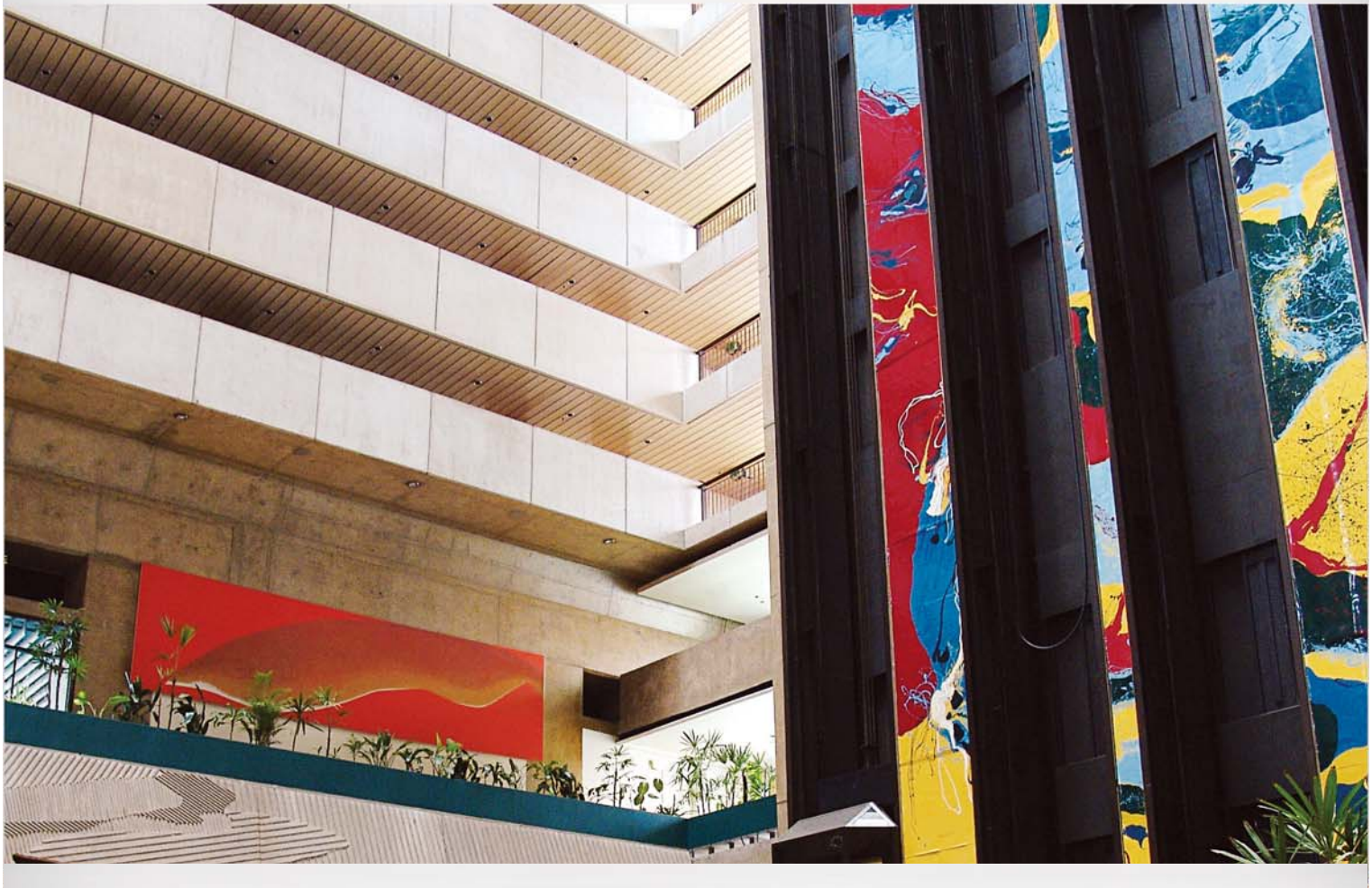
WOLFGANG AMADEUS MOZART (1756-1791)
Concerto para Piano e Orquestra nº 20

No rico panorama da música erudita ocidental, não existe uma série tão longa e tão genial como a constituída pelos vinte e sete concertos para piano de Mozart. Dono de técnica que se tornou lendária, e da mais extraordinária das imaginações, ele concebeu obras para seu instrumento predileto, tendo o piano como personagem principal, a partir dos 11 anos de idade, só abandonando o gênero no início de 1791 (com o Concerto nº 27, em Si bemol maior), ano em que viria a falecer.

Mozart aprendeu a organizar a antinomia piano/orquestra com vários compositores italianos e com dois dos filhos de Johann Sebastian Bach: Carl Philipp Emanuel, o Bach de Hamburgo, e Johann Christian, o Bach de Londres. Com sua superior perspicácia, ele de início copiava para, depois, adaptar e, finalmente, passar a criar obras inteiramente pessoais e originais. Mozart ultrapassou seus modelos e, é necessário dizer, ultrapassou até mesmo a maioria dos músicos que viriam depois dele.

MAKSOUD PLAZA

Um Marco de Hospitalidade e Elegância



Maksoud Plaza
Hospitalidade, Elegância e Serviço Impecável!

APARTAMENTOS E SUÍTES | CENTRO GASTRONÔMICO 24 HORAS | 5.000 m² DE ESPAÇOS PARA EVENTOS

Alameda Campinas, 150 - São Paulo - Brasil | Tel.: 11 3145-8000 | Toll Free: 0800.13.44.11

www.maksoud.com.br

Seus concertos são obras inesquecíveis a oferecer-nos alguns dos mistérios da perenidade.

Os concertos de Mozart contêm um sem-número de elementos construtivos que vibram à presença de um enorme mar de emoções: heroísmo, diálogos amorosos, saudades de algo vivido, esperança de que a vida melhore, tristeza cuja procedência resta sem explicação — tudo isso, e muito mais, é evocado neles. Cada uma das obras desse ciclo nos propõe uma verdadeira aventura rumo ao imaginário, e cada uma delas é um mundo autônomo de emoções e beleza: são universos onde a felicidade parece possível.

O Concerto nº 20, em Ré menor, tem uma orquestração bastante rica para a época, que inclui flauta, oboé, trompas, fagotes, trompetes e timbales, algo que atesta a vontade do autor de brilhar diante do público vienense na abertura da temporada de 1785, quando o compositor tinha 29 anos. E foi o que ele fez na noite de 10 de fevereiro, na capital da Áustria, em um instante em que o público ainda o adorava.

Os distintos aspectos da obra — seu *élan* pré-romântico, a coragem invejável do autor (a de propor uma peça que deveria ter algo de "divertimento" na macambúzia tonalidade de Ré menor), o aprofundamento psicológico do material temático e uma arquitetura que confere valor relativo à dicotomia música para divertir/música para fazer pensar — emprestam a esse concerto uma especial e rica ambiguidade que lhe dá fisionomia única.

Já na década de 30 do século passado, o historiador e grande conhecedor da obra de Mozart G. de Saint-Foix dizia do Concerto em Ré menor: "De um início grandioso ou nobre, solene ou trágico, nasce todo um mundo de sensações, fruto do fluxo e refluxo de uma mesma força proveniente das mãos de um mestre cuja inspiração realmente não conhece nenhum limite na mais variada expressão de todos os sentimentos da alma humana". Esse era o concerto para piano de Mozart que Beethoven mais amava. O mestre de Bonn o executou no intervalo de uma apresentação da ópera de Amadeus *A Clemência de Tito*, em Viena, incluindo na execução duas cadências de sua autoria, que deram brilho adicional à partitura.

No *Allegro* inicial, em Ré menor, misteriosas cordas em *pianissimo* são interrompidas por uma tempestade dos metais e da percussão — seria essa uma tormenta da natureza ou do coração? Esse material é substituído por uma passagem menos brutal, que acaba por levar a orquestra de volta ao clima atormentado do começo. Tem-se, então, a gloriosa entrada do piano solo, mistura de calma e de suspense na qual o solista é posto a dialogar com o fragoroso material do início. Um outro grupo de temas, introduzido pelo solista, torna a atmosfera mais leve. O piano e as madeiras dialogam sobre esse material em tom quase humorado. Mozart, a essa altura, estabelece um vivo contrapontear entre o piano e a orquestra, mesclando lirismo e dramaticidade. Temas já ouvidos são-nos oferecidos com outras fisionomias, até que, depois de um crescendo, chega a esperada hora da cadência. E, depois desse episódio de virtuosismo, a orquestra se encarrega de encerrar o andamento em pauta que oscila, algo paradoxalmente, entre triunfo e saudosismo.

O segundo movimento é uma adorável *Romanze*, peça de caráter lírico e sonhador que combina muita ternura e uma especial aura amorosa. Sua melodia principal, uma vez ouvida, jamais deixa de frequentar os meandros da subjetividade do ouvinte, Esse motivo, em Si bemol maior, estabelece enorme contraste com o Ré menor do início do concerto. Já se disse que essa melodia principal parece ser parte de um sonho, de tão linda que é. A verdade é que, nessa instância inicial do movimento, os vários episódios se sucedem em tom de encantamento, com o auxílio sutil da orquestra. Mas isso tudo é relativizado pelo tom desesperado de um novo motivo, que soa com teor de violência, de tragédia. O compositor, no entanto, logo traz de volta a linda melopeia da *Romanze*, fazendo com que seja possível sonhar novamente com a possibilidade do amor.

O derradeiro movimento, sem indicação na partitura original, é na verdade um *Allegro assai*. Tem-se aí a estrutura propícia para a alegria de um rondó, mas a tonalidade menor aponta para o contrário, para o seu ser dramático. Mozart explora genialmente essa contradição, entregando ao solista e aos sopros diálogos repletos de soluções inesperadas, sempre encantadoras. Mas, obedecendo à regra da época, o compositor faz a música retornar à tonalidade maior, a fim de dar um fim otimista ao movimento. Mesmo sendo um gesto que a época tornara obrigatório, a sensação é a de que o clima passou do inverno para a primavera, em esplendorosa alegria, em júbilo pela volta do bem-estar de estar amando.

ANTONÍN DVORÁK (1841-1904)

Sinfonia nº 8

Foi graças a um gesto generoso de Brahms, que elogiou a beleza de algumas obras de Dvórak que lhe haviam mostrado — opinião logo difundida por toda a Europa musical —, que o compositor tcheco passou de desconhecido músico provinciano a artista de projeção internacional.

Nascido em uma cidadezinha do interior da Tchecoslováquia, desejando mais ser músico que açougueiro, como o pai, o rapaz aprendeu alemão e alguns rudimentos de música em várias localidades. Isso, antes de alcançar a capital, Praga, onde frequentou a Escola de

SUA MELHOR ESCOLHA

- Uma das Big 5
- Líder no middle market
- Presente nas principais cidades do país
- Audit | Tax | Advisory

Visite nosso site

www.facebook.com/bdobrazil

www.twitter.com/bdobrazil

www.bdobrazil.com.br

BDO

Órgão e aperfeiçoou sua técnica da viola. A partir de 1860, Dvorák começou a escrever obras cuja fama não ultrapassava os muros da cidade. Em 1863, sua maior façanha foi a de integrar o naipe das violas da orquestra regida por um ídolo seu, Richard Wagner, de passagem pela cidade. Mais tarde, ele trocaria sua paixão wagneriana por um profundo amor pela figura e pela música de Johannes Brahms.

Em 1877, o crítico vienense Eduard Hanslick, respeitado pelo saber e pelo ódio que tinha por Wagner, escreveu a Dvorák, contando-lhe da boa impressão causada em Brahms por sua música. Foi assim que, sendo editado em Viena por recomendação do artista mais velho, Dvorák, aos 36 anos, começou uma nova carreira, repleta de sucessos. Viajou pelo continente e esteve mais de uma vez na Inglaterra. Suas estadas na longínqua Nova York foram-lhe especialmente felizes e resultaram em obras gloriosas.

O catálogo deixado por Dvorák é bastante extenso e inclui nove sinfonias, sete concertos e numerosas peças para orquestra que incluem vários poemas sinfônicos. Estão presentes também cantatas, missas e oratórios, além de muitas partituras para piano e para conjuntos de câmara. A voz mereceu dele enorme atenção, desde o seu emprego em canções, árias e duetos até o campo operístico, no qual se destaca *Rusalka*, de 1900.

Uma das mais belas sinfonias de Dvorák é a de número oito, composta entre agosto e novembro de 1889. Talvez porque a tonalidade de Sol maior fosse considerada "leve demais" para uso em uma sinfonia, os compositores românticos a rejeitaram em peso. Só mesmo no Classicismo ela havia recebido a merecida atenção de um sinfonista — Joseph Haydn, que a utilizou em doze de suas 107 sinfonias. Apenas Dvorák e, mais tarde, Mahler tiveram a coragem de escrever obras sinfônicas de intensa luminosidade em Sol maior. (Ambas resultaram em obras-primas).

A Oitava Sinfonia de Dvorák tem início com o andamento *Allegro con brio*. Muito ambíguo no seu permanente jogo de tonalidades maiores e menores, esse movimento repleto de ímpeto segue, entretanto, a forma-sonata, sob o signo da alegria provocada pelo contato com os prados floridos da terra do compositor.

A seção seguinte é um *Adagio* em Dó menor, que emprega o Mi bemol maior em seu início. Vários temas conotam, cada qual por sua vez, corais religiosos e ruídos da natureza. Quando, porém, a tonalidade muda para Dó maior, aparece o ritmo de uma dança muito animada, que torna a paisagem em algo um bocado pastoril. Com mão decidida, o compositor muda o quadro ao introduzir uma marcha cavalheiresca, de tom lendário e progresso lento, que os metais graves exibem com alguma petulância. Voltam a reaparecer temas e motivos já ouvidos, agora com outros reflexos de cor. O ritmo dançante volta, então, à tona e chega-se, assim, ao final do festivo movimento.

Vem em seguida aquele que é, possivelmente, o movimento mais cativante de toda a obra, à maneira de uma dança popular da Europa Central — do próprio Dvorák ou, então, de seu padrinho Brahms, quando este revestia a imaginação com moldura húngara e cigana. É o *Scherzo*, com a indicação de andamento *Allegretto grazioso*, escrito em formato tradicional (ABA). Difícil é saber qual o momento mais bonito dessa música que encanta já à primeira audição: se o animado *Scherzo* de abertura, com toda a sua vitalidade, ou o *Trio* de expressão camponesa, em tom apaixonado, com seus floreios bem melódicos.

O último movimento da Oitava Sinfonia — *Allegro ma non troppo* — tem início de maneira espantosa: um rebrilhante motivo do trompete parece anunciar algo grandioso, cheio de cerimônia. Contudo, o que vem em seguida é um tema de andamento pacato, conduzido pelos violoncelos, e que o compositor submete a variações. Na verdade, são duas séries distintas de variações. A primeira série mescla seriedade e humor, culminando com uma bacanal bastante animada. A orquestração é, a partir desse ponto, transformada em algo mais leve, configurando uma espécie de *intermezzo* que deixa a escuta do ouvinte em suspenso. A segunda série de variações é bastante diversa da primeira, pois ela é mais melódica e elegíaca, valorizando os timbres orquestrais de maneira isolada. O clima de bacanal volta à cena com nova iluminação, e a sinfonia é encerrada em clave de alegria sem sombras.

PIOTR ILICH TCHAIKOVSKY (1840-1893)

Serenata para Cordas

Depois de ficar em dúvida — sinfonia ou quinteto de cordas? —, Tchaikovsky optou pela formação de cordas para sua nova obra, a qual seria ouvida pela primeira vez em Moscou, no final de 1880. Mas não se tratava de música de câmara, e sim de obra sinfônica, ainda que sem os instrumentos de sopro habituais de uma obra congênere. Mesmo partindo de modelos do Classicismo vienense — serenata, divertimento —, o resultado é profundamente romântico. O compositor pedia o maior número possível de instrumentos de cordas para sua execução. Só assim, julgava ele, a obra haveria de refletir sua inspiração.

No momento em que a compôs, Tchaikovsky vivia uma época produtiva. Datam de 1880 uma última revisão da Segunda Sinfonia, o *Capricho Italiano* (obra que lhe dava especial prazer, por conter todo um mundo

Comemorando uma década

a Blue Travel apresenta

um século de Cultura.

Parabéns Cultura Artística

pelo seu centenário.

Blue Travel
Viagens e Turismo
10 anos

+55 11 3158.5622 • +55 11 3159.2784 • contato@bluetravel.com.br
r. nestor pestana • 125 • cj.41 • 01303-010 • são paulo • sp • brasil

imaginário que considerava mais forte que a vida real) e o Segundo Concerto para Piano e Orquestra, entre outras obras. Nessa época, o compositor viajava muito por sua terra e pelo exterior, sendo consagrado por onde passava. Ao final de cada excursão, refugiava-se por um tempo em uma propriedade rural. Em 1880, tendo retornado do exterior em março, foi para o campo, onde compôs canções, a hoje celebérrima *Abertura 1812* e, com grande impulso interior, colocou no papel a bela *Serenata para Cordas*, partitura que se tornaria imensamente popular.

A peça inicial da Serenata, um *Allegro non troppo*, toma a *ouverture* francesa como modelo, empregando aí três temas pessoais, o que significa dizer cantantes, desenvoltos e, em parte, saudosistas. Nesse movimento, o arcabouço formal é empregado apenas como um andaime firme a sustentar ideias apaixonadas do período final do Romantismo. O segundo movimento é uma valsa de recorte elegante e muito bem-humorada. Sua trama é transparente, e sua expressão transforma a melancolia em sensação que todos querem experimentar.

Vem, em terceiro posto, a elegia de clima religioso e de grande beleza, que, em sua parte central, comporta uma passagem lenta que lembra um episódio de balé. O *Finale* é baseado em temas folclóricos, os quais Tchaikovsky encontrou na célebre antologia publicada por Balakirev. O primeiro motivo exibe uma síncope bem característica; o segundo evoca uma festa popular que acontece no campo, revelando, uma vez mais, o coração profundamente nacionalista do autor de estilo "ocidentalizado".

ALEKSANDR KONSTANTINOVICH GLAZUNOV (1865-1936)
Sinfonia nº 4

Ainda criança, Glazunov já revelava ter ouvido e memória extraordinários. Seu talento o colocou, muito jovem, ao lado dos maiores músicos da Rússia. Teve ótimos professores, mas nunca frequentou escola. Borodin, Rimsky-Korsakov e Tchaikovsky estiveram entre os artistas que mais o influenciaram. Korsakov, que lhe deu aulas, disse certa vez que os progressos do jovem aluno não eram perceptíveis de um dia para o outro, e sim a cada hora que passava. O pupilo o auxiliou a completar várias obras deixadas inacabadas por Aleksandr Borodin, tais como a Terceira Sinfonia e a ópera *Príncipe Ígor*, que contém as populares "Danças Polovetsianas".

Apresentando suas obras, muitas delas publicadas por um mecenas, Glazunov teve seu nome conhecido não apenas na Rússia como também em vários países da Europa Ocidental. Durante trinta anos, dirigiu o Conservatório de São Petersburgo e, na fase inicial da Revolução Russa, foi respeitado graças a seu renome junto aos alunos revolucionários. Depois de passar fome e frio na Primeira Guerra, o compositor acabou por se transferir para o ocidente. A partir de 1928, morou na França e esteve, como regente e compositor, em vários países europeus, assim como nos Estados Unidos. Sua música, bastante colorida e apegada às convenções do melodismo do século XIX, granjeou-lhe um público bastante fiel. Duas de suas partituras para balé, *Raymonda* e *As Estações*, ainda hoje são montadas com sucesso.

Suas oito sinfonias integram o repertório das principais orquestras russas. Várias delas foram compostas nos últimos anos do século XIX. Esse é o caso da Quarta Sinfonia, datada de 1893. O compositor tinha 28 anos e passara por séria crise motivada por uma momentânea insatisfação consigo mesmo. (Durante várias fases de sua vida, Glazunov teve problemas por causa de seus excessos com o álcool. Às vezes, regia a orquestra completamente bêbado.)

Começando devagar, por um *Andante*, a Quarta Sinfonia mostra de início, no corne-inglês, um tema saudosista e de fisionomia orientalizante. Outro motivo, no oboé, conduz a música ao *Allegro moderato*. Se a forma é bem trabalhada, a grande atração desse movimento é a riqueza das melodias, algo bastante costumeiro na arte do autor.

O *Moderato* que vem em seguida é um *Scherzo* de fatura tradicional, marcado por passagens feéricas. Mais de um comentador já encontrou, em sua aura rebrilhante, ideias provenientes de obras de Tchaikovsky. Os dois últimos movimentos se encadeiam: *Andante — Allegro*. A passagem mais lenta, no fundo, funciona como um intermédio entre o *Scherzo* e o *Allegro* final. Violinos com surdina enunciam uma bela e sensual melodia. Uma operística fanfarra dos metais, de fisionomia heroica, faz a transição para o *Finale*, página cintilante que faz voltar à tona temas provenientes dos outros movimentos da sinfonia.

Cultura artística

MANTENEDORES E AMIGOS DA SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

MANTENEDORES

Adelia e Cleõmenes Dias Baptista *(i.m.)*
Adolpho Leirner
Affonso Celso Pastore
Airton Bobrow
Alexandre e Silvia Fix
Alfredo Rizkallah
Álvaro Luiz Fleury Malheiros
Ana Maria Igel e Mario Higino Leonel
Antonio Ailton Caseiro
Antonio Carlos Barbosa de Oliveira
Antonio Carlos de Araújo Cintra
Antonio Correa Meyer
Antonio Hermann D. M. Azevedo
Antonio Teófilo de Andrade Orth
Arnaldo Malheiros
Arsenio Negro Junior
Beatriz Baumgart Tadini
Bruno Alois Nowak
Carlo Zuffellato
Carlos Eduardo Mori Peyser
Carlos Hitoshi Fuda Castro
Carlos Nehring Neto
Cassio Casseb Lima
Cláudio Thomaz Lobo Sonder
Cleide e Luiz Rodrigues Corvo
Cristian Baumgart Stroczynski
Cristina Baumgart
Dario Chebel Labaki Neto
Deicmar S. A.
Donato Roberto Mucerino
Dora Rosset
Eduardo Fonseca Altenfelder
Elisa Wolynec
Erwin e Marie Kaufmann
Fabio de Campos Lilla
Fanny Fix
Fernando Eckhardt Luzio
Fernão Carlos B. Bracher
Francisco H. de Abreu Maffei
George Longo
Gerald Dinu Reiss
Gioconda Bordon
Giovanni Guido Cerri
Helio Seibel
Henri Slezynger
Henri Philippe Reichstul
Henrique Meirelles
Henrique Eduardo Tichauer
Iosif Sancovsky
Israel Vainboim
Jacques Caradec
Jairo Cupertino
Jayme Bobrow
Jean-Claude Ramirez Jonas
Jorge e Léa Diamant
Jorge Takla
José E. Queiroz Guimarães
José M. Martinez Zaragoza
José Roberto Mendonça de Barros
José Roberto Opice
José Thales S. Rebouças
Jovelino Carvalho Mineiro Filho
Kalil Cury Filho
Karin Baumgart Srougi
Léa Regina Caffaro Terra
Livio de Vivo
Lucila e José Carlos Evangelista
Luiz Stuhlberger
Marcelo Pereira Lopes de Medeiros
Marco Aurelio Abrahão
Marcos Baumgart Stroczynski
Maria Adelaide Amaral
Maria Bonomi
Mario Arthur Adler
Michael e Alina Perlman
Minidi Pedroso
Moshe Sendacz
Neli Aparecida de Faria
Oswaldo Henrique Silveira
Otto Baumgart
Paulo Guilherme Leser
Paulo Julio Valentino Bruna
Pedro Barros Barreto Fernandes
Pedro Herz
Pedro Stern
Rafael Sonder
Ricard Takeshi Akagawa
Ricardo Feltre
Roberto Baumgart
Roberto Civita
Roberto Mehler
Roberto Viegas Calvo
Rodolfo Henrique Fischer
Ruth Lahoz Mendonça de Barros
Ruy e Celia Korbivcher
Samy Katz
Sandor e Mariane Szego
Sergio Ephim Mindlin
Silvia e Fernando Carramaschi
Stela e Jayme Blay
Sylvia Pinho
Tamas Makray
Thomas Kunze
Ursula Baumgart
Vavy Pacheco Borges
3 Mantenedores Anônimos

AMIGOS

Abram Topczewski
Alberto Emanuel Whitaker
Alexandre Grain de Carvalho
Aluizio Guimarães Cupertino
Alvaro Oscar Campana
Ana Maria Malik
Andrea Sandro Calabi
Anna Maria Tuma Zacharias
Antonio Augusto da Silva Cardoso
Antonio Jesus Brito Cosenza
Antonio Kanji Hoshikawa
Arnold Wald
BDO Brazil
Carlos Chagas Rodrigues
Carlos P. Rauscher
Cassio A. Macedo da Silva
Claudia A. G. Musto
Claudia Junqueira Almeida Prado
Cláudio Roberto Cernea
Consuelo de Castro Pena
Decio Cordeiro Lemos
Denise Ascenção Klatchoian
Denise Zaclis
Domingos Durant
Edith Ranzini
Edson Eidi Kumagai
Eduardo Fernandes Dias
Elias e Elizabete Rocha Barros
Elisa Villares L. Cesar
Eric Alexander Klug
Eugenia Lukin
Fábio Rosa Carramaschi
Fernando de Azevedo Corrêa
Fernando K. Lottenberg
Franscisco José de Oliveira Junior
Francisco Montano Filho
Galícia Empreendimentos e Participações
Giancarlo Gasperini
Gustavo H. Machado de Carvalho
Heinz J. Gruber
Helio Elkis
Heloisa Pereira de Almeida Martins
Henrique B. Larroudé
Horacio Mario Kleinman
Ilnort Rueda Saldivar
Isaac Popoutchi
Issei Abe
Izabel Sobral
Jaime Pinsky
Jayme e Tatiana Serebrenic
Jayme Vargas
João Baptista Raimo Jr.
José Carlos Dias
José e Priscila Goldenberg
José Paulo de Castro Emsenhuber
José Theophilo Ramos Junior
Junia Borges Botelho
Kristina Arnhold
Wlaser Centro de Estética Médica
Leo Kupfer
Lilia Katri Moritz Schwarcz
Lilia Salomão
Lucila Barreto
Lucy Banks Leite
Luiz Augusto de Queiroz Ablas
Luiz Diederichsen Villares
Luiz Gonzaga Marinho Brandão
Luiz Henrique Martins Castro
Luiz Roberto Andrade de Novaes
Luiz Schwarcz
Marcello D. Bronstein
Marcio Augusto Ceva
Marco Tullio Bottino
Maria Joaquina Marques Dias
Maria Lucia Pereira de Almeida
Maria Stella Moraes R. do Valle
Maria Teresa Igel
Mario R. Rizkallah
Marta D. Grostein
Mathias Alexey Woelz
Maurice Leonzini
Mauris Warchavchik
Monica e Paulo Gartner
Nachun Berger
Nelio Garcia de Barros
Nelson Jafet
Nelson Vieira Barreira
Oscar Lafer
Paulo Emilio Pinto
Paulo Proushan
Paulo Roberto Pereira da Costa
Percival Lafer
Polia Lerner Hamburger
Regina Weinberg
Renato Lanzi
Ricardo Bohn Gonçalves
Ricardo L. Becker
Rita de Cassia Caruso Cury
Roberta Alexandr Sundfeld
Rosa Maria Graziano
Rubens Halaban
Ruy Souza e Silva
Sandra Maria Massi
Sergio Leal C. Guerreiro
Sheila Hara
Silvia Dias de Alcantara Machado
Silvio Genesini
Suzana Pasternak
Thomas Frank Tichauer
Thomas Souto Correa
Thyrso Martins
Ulysses de Paula Eduardo Jr.
Sandra Arruda Grostein
Vivian Abdalla Hannud
Walter Ceneviva
13 Amigos Anônimos

JOVENS AMIGOS

Aristides Ugeda
Celia Prado
Celia Pires de Araújo
Claudia Helena Plass
Daniela Carramaschi
Edoardo Rivetti
Eliana Regina Marques Zlochevsky
Eugenio Suffredini Neto
Fabiana Crepaldi Pereira
Francisco Jose de Oliveira Junior
Guilherme Ule Ramos
José de Paula Monteiro Neto
Marcelo Marangon
Maria Elisabeth Rolim
Pedro Spyridion Yannoulis
Raquel Bessa Carvalho Diniz
Ricardo Hering
Richard Barczinski
Rodrigo Octavio Broglia Mendes
Rogério Woiskky
Rubens Iosef Muszkat
Sergio Gonçalves de Almeida
Tobias Dryzum
3 Jovens Amigos Anônimos

Lista atualizada em 30 de março de 2012.

Para mais informações, ligue para (11) 3256 0223, escreva para administracao@culturaartistica.com.br ou visite www.culturaartistica.com.br/amigos.

NOVIDADE: CICLO DE PALESTRAS NA SALA SÃO PAULO

Para a Temporada 2012, que hoje se inicia, a Sociedade de Cultura Artística introduz uma novidade em nossas séries de concertos internacionais. Já a partir deste primeiro concerto, passaremos a promover palestras antes de cada espetáculo de nossas duas séries. As palestras, sempre às 20 horas, terão lugar no auditório do primeiro andar da Sala São Paulo e, para ministrá-las, convidamos o crítico musical Irineu Franco Perpetuo. No texto abaixo, Irineu fala um pouco de sua trajetória jornalística e de sua longa ligação com a Cultura Artística.

Comecei a escrever sobre música em 1994 e, já naquela época, a Sociedade de Cultura Artística foi extremamente generosa comigo, ao permitir que o jovem e inexperiente repórter da *Folha de S. Paulo* assistisse às deslumbrantes apresentações que ocorriam no saudoso teatro da rua Nestor Pestana.

Não seria exagero dizer que a Cultura Artística propiciou parte bastante expressiva de minha educação no terreno da música — e me parece mais do que justo reconhecer aqui o gigantesco papel desempenhado por mestre J. Jota de Moraes, tanto em aulas e conversas informais como nos textos de elevadíssima erudição que ele sempre escreve para os programas de concertos.

Por tudo isso, fico feliz e honrado em poder dar alguma contribuição à histórica temporada que comemora o centenário da Sociedade de Cultura Artística. Tenho dado aulas na Casa do Saber desde 2004 e, mais adiante, comecei também a ministrar palestras na Augôsto Augusta e no Centro Universitário Maria Antonia — USP. É algo dessa experiência que pretendo trazer para nossos encontros na Sala São Paulo.

Não serão aulas formais, de conteúdo pesado ou sobrecarregadas de informações. Minha intenção é, antes, fazermos juntos uma espécie de "aquecimento" para cada concerto, situando compositores, obras e intérpretes, sempre com o propósito de contribuir para que a experiência estética seja mais rica e completa. Isso tudo, de modo descontraído e informal, à maneira de uma boa conversa.

Conto com a presença de todos!

Irineu Franco Perpetuo

Irineu Franco Perpetuo é jornalista especializado em música clássica, colaborador do jornal *Folha de S. Paulo*, do site da revista *Concerto* e correspondente no Brasil da revista *Ópera Actual*, de Barcelona.

Ser uma das 10 maiores empresas globais de materiais básicos de construção nos deixa orgulhosos. Ajudar a construir um País melhor e mais forte nos deixa ainda mais.

A Votorantim Cimentos sabe que numa construção tudo está interligado. Por isso, quando investe no desenvolvimento dos seus projetos, investe também no desenvolvimento das regiões em que atua. Foi pensando assim que, em 2011, o Grupo Votorantim destinou R$ 60 milhões a 154 projetos sociais, beneficiando cerca de 1,5 milhão de pessoas, e outros R$ 500 milhões a projetos de gestão ambiental. Afinal, não daria para ser uma das 10 maiores empresas globais de materiais básicos de construção sem pensar no futuro de todos.

CIMENTO VOTORAN · CIMENTO ITAÚ · CIMENTO TOCANTINS · CIMENTO POTY · CIMENTO ARATU · CIMENTO RIBEIRÃO · Votomassa · MATRIX · ENGEMIX

CONSTRUIR É REALIZAR.

Votorantim Cimentos

www.vcimentos.com.br

Danillo Nunes Senra,
funcionário da Votorantim Cimentos.

TALENT

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

DIRETORIA

Presidente
Pedro Herz

Diretores
Cláudio Sonder
Antonio Hermann D. Menezes de Azevedo
Gioconda Bordon
Ricardo Becker
Fernando Carramaschi
Patrícia Moraes
Luiz Fernando Faria
Marcelo Levy

Superintendente
Gérald Perret

Superintendente Administrativo
Frederico Lohmann

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente
Cláudio Sonder

Vice-Presidente
Roberto Crissiuma Mesquita

Conselho
Aluízio Rebello de Araújo
Antonio Ermírio de Moraes
Carlos José Rauscher
Fernando Xavier Ferreira
Francisco Mesquita Neto
Gérard Loeb
Henri Philippe Reichstul
Henrique Meirelles
Jayme Sverner
Milu Villela
Pedro Herz
Plinio José Marafon
Salim Taufic Schahin

Conselho Consultivo
Affonso Celso Pastore
Alfredo Rizkallah
Hermann Wever
João Lara Mesquita
José Zaragoza
Mário Arthur Adler
Thomas Michael Lanz

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador do Estado de São Paulo
Geraldo Alckmin

Secretário de Estado da Cultura
Andrea Matarazzo

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO — OSESP

Regente Titular
Marin Alsop

Diretor Artístico
Arthur Nestrovski

FUNDAÇÃO ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO
— Organização Social da Cultura

Presidente do Conselho de Administração
Fernando Henrique Cardoso

Vice-Presidente do Conselho de Administração
Pedro Moreira Salles

Diretor Executivo
Marcelo Lopes

Superintendente
Fausto Augusto Marcucci Arruda

Marketing – Eventos
Carlos Harasawa
Mauren Stieven

Departamento de Operações
Mônica Cássia Ferreira Gerente
Analia Verônica Belli Gerente
Regiane Sampaio Bezerra
Vinicius Goy de Aro
Vivian da Silva Correa
Fabiane de Oliveira Araújo

Apoio a Eventos
Felipe Lapa
Demeter Tosin
Alexandre Catalano
Raimundo dos Santos

Departamento Técnico
Marcello Anjinho Gerente
Ednilson de Campos Pinto
Sérgio Cattini
Melissa Limnios

Acústica
Cassio Mendes Antas

Iluminação
Paulo Ricardo Pirondi

Sonorização
Mauro Santiago Góis

Montagem
João André Blásio
José Neves da Silva

Controlador de Acesso – Encarregado
Sandro Marcello Sampaio de Miranda

Indicador – Encarregado
Samuel Calebe Alves

Supervisão Geral THAISSA LAMHA Edição SERGIO TELLAROLI Projeto gráfico PAULO HUMBERTO L. DE ALMEIDA Editoração eletrônica BVDA / LUDOVICO Fotos não creditadas DIVULGAÇÃO Assessoria de imprensa EDITOR — EDISON PAES DE MELO CTP e impressão IPSIS

TEMPORADA 2012

Cultura artística 100 ANOS

24 E 25 DE ABRIL
ORQUESTRA NACIONAL RUSSA
JOSÉ SEREBRIER Regência
NELSON FREIRE Piano

15 E 16 DE MAIO
ORCHESTRE NATIONAL DU CAPITOLE DE TOULOUSE
TUGAN SOKHIEV Regência
BERTRAND CHAMAYOU Piano

20 E 22 DE MAIO
LANG LANG Piano

4 E 27 DE JUNHO
EVGENY KISSIN Piano

2 E 3 DE JULHO
ENSEMBLE INTERCONTEMPORAIN
Participação **FANNY ARDANT**

6 E 7 DE AGOSTO
ORCHESTRA DELLA SVIZZERA ITALIANA
ALEXANDER VEDERNIKOV Regência
DANG THAI SON Piano

19 E 20 DE AGOSTO
ORCHESTRA DEL MAGGIO MUSICALE FIORENTINO
ZUBIN MEHTA Regência

3 E 4 DE SETEMBRO
JOYCE DiDONATO Mezzosoprano
DAVID ZOBEL Piano

1 E 9 DE OUTUBRO
SOL GABETTA Violoncelo
MIHAELA URSULEASA Piano

7 E 8 DE NOVEMBRO
RENÉE FLEMING Soprano

REALIZAÇÃO

NOME DA COLUNA? GIOCONDA BORDON

14/2/1912

No dia 14 de fevereiro de 1912, o jornal *O Estado de S. Paulo* noticiou em sua coluna "Artes e Artistas" a criação da Sociedade de Cultura Artística. A ideia dessa sociedade nascera na própria redação do jornal, fato que justificava plenamente o entusiasmo da notícia:

São Paulo que, sob tantos aspectos, marcha num progresso acelerado e sólido, não se pode gabar de ir avançando muito no terreno da literatura e da arte. Ao contrário, se, sob este ponto, não tem havido entre nós retrocesso ou estacionamento, é inegável que o desenvolvimento da nossa cultura artística e literária não está em proporção com os progressos que vamos realizando em outras esferas. Ora, é preciso reagir contra essa anomalia. A Sociedade de Cultura Artística se impôs essa missão.

O primeiro sarau promovido pela recém-criada Sociedade de Cultura Artística foi realizado no auditório do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, localizado na avenida São João, nº 95. A parte musical ficou a cargo do maestro João Gomes de Araújo, que escolheu obras de Carlos Gomes, Itiberê, Alexandre Levy e Henrique Oswald. O poeta Amadeu Amaral preparou uma conferência sobre Raimundo Correia, e o discurso de apresentação da nova sociedade foi destinado ao integrante mais jovem da diretoria: Roberto Moreira.

O evento foi um grande sucesso. Porém, muito mais importantes que a realização de uma *soirée* elegante e bem-sucedida eram os projetos e sonhos acalentados pela nova associação cultural, tantos deles realizados ao longo da trajetória centenária que começamos a festejar na data de hoje, abertura da Temporada 2012. Cem anos atrás, a cidade viveu dias de grande *frisson*, pensando na *toilette* adequada para a noite de abertura da Sociedade de Cultura Artística. As palavras em francês não vão aqui citadas por mera afetação: era a linguagem típica da elite paulistana do início do século XX. Hoje, decerto falaríamos em *dress code*.

Imaginamos quantos modelos diferentes de ternos, de vestidos, de casacos e de sapatos já desfilaram milhares de vezes pelas salas onde realizamos nossos concertos. Guardamos esses momentos na memória; outros tantos figuram em nosso acervo, com fotos e registros de grandes compositores, instrumentistas, maestros, atores, atrizes e bailarinos que têm participado desta bela história, protagonizada principalmente por todos nós, amigos da arte, da música e da Sociedade de Cultura Artística.

Sejam todos muito bem-vindos. O ano de 2012 será uma festa!

gioconda@culturaartistica.com.br

Investindo em
cultura
para harmonizar
relações

SUZANO

LES AMIS DU CREDIT SUISSE

INSPIRADOS PELA MÚSICA CLÁSSICA.

O Credit Suisse mantém parcerias de longo prazo com as mais reconhecidas instituições culturais do Brasil.

Temos orgulho em apoiar a Sociedade de Cultura Artística.

credit-suisse.com